

A VIDA NAS SALINAS DE MACAÚ

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

Um estudo geográfico pode ser perfeito, sob o ponto de vista metodológico sem que seu autor consiga dar vida e realismo ao tema abordado. Tomemos um exemplo concreto: ao pretender-se conhecer as salinas do Rio Grande do Norte e a sua exploração, não basta examinar as condições geográficas das áreas de cristalização, os métodos de trabalho, os mercados de consumo e os fatores que presidem seu comércio. Torna-se preciso conhecer algo sobre a vida dos que labutam naquelas salinas, sob as ardências do sol equatorial. As páginas fortes, que aqui vamos transcrever, pertencentes à nossa moderna literatura regional, fazem-nos compreender melhor o drama das salinas.

A manhã nascia cheia de luz. O sol, dando os primeiros riscos vermelhos no céu, anunciava que o dia ia ser muito quente.

Tomou a direção da salina. Muita gente também se encaminhava para lá. O serviço pegava invariável e infalivelmente às cinco horas de todas as manhãs.

Os homens entravam nos ranchos, para apanhar o material de trabalho.

A colheita tinha começado há pouco. Os homens iam trabalhar muito porque, pelos cálculos dos dirigentes, naquele ano, daria tempo para colher a safra, no mínimo, três vezes, antes que as chuvas chegassem.

Há dois anos que não chovia. E podia ser que as chuvas viessem sem que ninguém esperasse, estragando o trabalho dos cristalizadores. Já se tinha dado o caso de dois anos de um "inverno" abundante, terem desanimado até a coragem dos produtores. Dois anos de chuvas copiosas arrasavam estrondosamente a produção.

Por isso, os homens trabalhavam muito. No começo, dariam tudo, porque quando fôsse finalizando a safra, as forças naturalmente diminuiriam.

Urgia que o tempo da colheita terminasse dentro de um prazo fixado, para que as enchentes não arrasassem e engolissem todo o sal, que ficara para a "curação". E sem o sal curado, que a enchente bebera, começaria a distribuição desonesta do "sal verde". Um sal cheio de veneno e sem purificação, que apodreceria as carnes dos xarques. Que deterioraria, com uma leve aplicação apenas, o trabalho dos xarqueadores.

Os homens estavam iniciando a safra do sal.

Nus. Oferecendo as costas, os peitos, os braços, ao sol. Empunhando pás, alavancas, picaretas. Começando a demolição dos cones brancos de sal. Aquêlé sal duro, quase petrificado, mas ainda verde.

Estranhos caprichos da natureza! A maravilhosa metamorfose nas pilhas pontudas de sal! A história do sal se resumindo num processo tão simples, era quase assim:

"Quando chegavam as épocas das grandes marés de lua, faziam a captação das águas. Os terrenos, naturalmente, pelas depressões formadas, são conhecidos por "cêrcos". Enormes tanques simétricamente retalhados, os cêrcos recebiam a água da maré, que ficava chocando até adquirir uma certa saturação. Chegando no ponto desejado, a água era encaminhada para os verdadeiros "chocadores", também conhecidos como "evaporadores". Ali ficava concentrada por muito tempo. Depois da evaporação necessária, era encaminhada para uns reservatórios preparados com cuidado. As parêdes dêsses novos tanques são forradas de tábuas e tais reservatórios receberam o nome técnico de "baldes" ou "cristalizadores". Começava-se, então, o envenenamento das águas com diversos sais parasitas, como o cloreto e o sulfato de magnésio, o brometo de sódio, o de potássio e muitas outras espécies sem importância.

Vinha o processo do "refugo". As "águas-mães" desnecessárias e apodrecidas eram refugadas. Elas tinham dado toda a sua força para fabricação daquilo tudo. Agora, nada mais tendo a dar, eram exiladas... História simples, a história do sal... O sal continuaria mais seis meses nos cristalizadores. Com o decorrer do tempo, uma camada brilhante se criaria na superfície. E a cada dia passado, engrossaria mais. Depois, então, era o tempo da colheita."

Tinha chegado o tempo da colheita. Os homens se encaminhavam para o trabalho. As alavancas começavam a quebrar as crostas de sal, que eram lavadas no mar. Finda a lavação, era o tempo de transportar o sal para os aterros, onde dormiria pelo espaço de um ano. Os homens enchem os cristalizadores. Vieram quebrar. Quebravam o sal verde. O sal novo, recém-surgido das águas. Seus dorsos estão nus. O sol esquenta cada vez mais. Seus pés se enterram nas águas até a altura dos joelhos.

Chicão está no meio dêles. Seus pés começam a arder terrivelmente. É o cloreto se infiltrando na carne...

Os companheiros notaram. Riram. Falaram para êle:

— Isso não é nada. Depois ocê se acostuma. Cum nós foi a mesma coisa. Nos premeros dias, ocê estranha. Mas num fais mal, não. Depois que os pés racha...

— Os pés racha?

— Sim. Depois que êles ficare ansim...

E, apoiando-se no cabo da alavanca, um caboclo levantou os pés. Riu e continuou falando:

— Seus pés vai ficá ansim. Iguázinho aos nosso. Êsses rêgo se parece cum o caná que alimenta os cristalizadô...

Os olhos de Chicão se horrorizaram. Ali estavam uns pés chatos, deformados. Rachados. A água do sal ia comendo tudo. Brechas de mais de um dedo de profundidade apareciam em todas as direções. Aquêles pés nunca cicatrizavam e, no entanto, como êles diziam, não apodreciam mais, nem incomodavam. O próprio sal não deixava que êles apodrecessem mais do do aquilo. E eram pés humanos. Monstruosamente deformados. As feridas surgiam embranquiçadas e, somente no centro, um colorido vermelho se fazia notar. Chagas côr de presunto. E os homens sorrindo daquilo. E aquilo nada significava. O mundo era simples. Para êles, o sertão ou a salina. O sertão rachando-se na sêca ou o mar rachando os seus pés. Rachando, carcomendo como um câncer. Como a pior e mais carocuda forma de lepra. E êles nem ligavam. Tinham se acostumado.

Chicão levantou o pé. Olhou um. Depois, o outro. Tinham adquirido uma coloração rosada. O cloreto de sódio começava a avançar-lhe pela pele. Dentro de poucos dias, seus pés arderiam como brasas. Tinha também que se acostumar e rir daquilo tudo. Igual aos outros. Ou então desistir de tudo.

Fugir. Caminhar para longe. E, no entanto, era o seu primeiro dia na salina. Poucas horas tinham se passado. E já o desânimo se manifestava em seu íntimo com os primeiros matizes do desespero. Aquilo não era serviço para seres humanos e sim para béstas. Béstas, que pudessem rir ao olhar a deformação monstruosa de um pé. Não éle. Curvou o dorso, firmou a alavanca, e rebentou a lage transparente que o sal formara nos cristalizadores.

O dia começou a caminhar por dentro das horas. O sol se firmava lá em cima. A luz vinha brilhar por sobre os tablados de sal e formando arco-íris nos prismas das pilhas. Os olhos tremiam diante de tanto brilho. À proporção que as horas andassem, o espetáculo dos salineiros iria aumentando em sensações. As picaretas cantando nos cristalizadores, assobiavam, e pedras de sal se espalhavam em todas as direções, como fagulhas brancas iluminadas. O suor lavava aqueles corpos e vinha se misturar com o suor do mar. Chicão estava banhado. O suor descia-lhe da cabeça e escorregava pela face. Parou, afim de passar as mãos sobre os olhos, quando um companheiro gritou:

— Tás louco! Num faça isso! Tá cum as mãos melada de veneno de sal. Munta gente tem cegado pur causa disso.

Olhou o companheiro agradecidamente e recomeçou o trabalho. Muita gente tinha cegado por causa disso? E os seus olhos ardiam como brasas. Éle também teria que se acostumar àquilo. Todos os outros se acostumavam.

O sol andava bem alto no céu. Deviam ser mais ou menos dez horas.

Às dez e meia descansariam. Isso porque não havia vista humana que resistisse à intensidade de tanta luz. Parecia que o dia estava inteiramente branco. Um branco de espelho. A luz do sol teria, sem dúvida, adquirido a incadescência do sal. Eram reflexos brancos que "areavam" qualquer pessoa.

Cavar!... Cavar!... Cavar!...

E o suor descendo pelo rosto. Pela cabeça, pela barba, pelo corpo. Olhos ardendo. Músculos cansando. Um começo de fome no estômago. Pés rachando, se acostumando com o ataque corrosivo da venenosa água do mar.

Cavar. Cavar. Cavar...

Quando deu dez e meia, ninguém mais agüentou. Não que o trabalho de cavar matasse, mas a luz do sol não o permitia. Chicão olhou para os companheiros e não os avistou direito. Eram sombras completamente negras que se moviam dentro da brancura do dia, do sol e do sal. Sua vista, além de arder, tremia.

Ficariam cegos se trabalhassem mais. Veio o sinal do almoço. Deixaram as ferramentas e se encaminharam para fora dos cristalizadores.

Descanso. Agora só voltariam ali depois das duas horas. Quando a luz do dia diminuísse e deixasse que eles enxergassem o que estavam fazendo. Foram almoçar no rancho. Caminhavam deitando o mais possível a aba do chapéu sobre os olhos ardidos. Lavaram as mãos e se sentaram. Chicão levantou as mãos para os olhos e começou a alisar as pálpebras. Depois que a vista adquiriu uma certa normalidade, enxergou os pés. Estavam esbranquecidos. Algém lhe falou:

—Estranhô a lúis, cumpanhêro?

Chicão ergueu a vista para um prêto grande e reforçado, que puxava conversa.

— Que lúis!

— É mesmo danisca de forte. Munto de nós fica cego ou perde a visão logo. Tenho visto munta gente chegá boa e sai pela mão dos ôtrós.

— Você já viu o cego Benedito?

— Aquêle que pede esmola na rua?

— Aquêle mesmo. Pois éle enxergava que nem nós. Foi aquilo que cumeu a visão dêle.

Disse isso e apontou as pirâmides brancas de sal.

— O que não me conformo — disse Chicão — é cum o que acontece cum os pés da gente!

— No princípio, a gente estranha um pôco. Adespois... percisando de véver... qu'importa se os pés da gente num fique cumo era?

— Mas a gente divia tê uns sapato pra protegê...

— Num dianta, não. O sal cumia êles em menos de uma semana. Eu tinha um par de botina de côro vivo, que busquei no sertão. Ponhei elas nessa disgracêra e foi simbora num instante... Hoje, mesmo que eu quizesse carçá umas bota, acho que meus pés num entrava mais.

Chicão espiou para os pés do prêto. Pareciam-se com a sêca quando rachava o açude da fazenda do Boqueirão. Possuíam valões de rachaduras da côr da terra rôxa calcinada, pela sêca.

— Dueu munto no comêço... Hoje mais não.

— Eu num queria ficá cum os pés ansim.

— É. Mas todo mundo fica. Trabiô aqui, tem de ficá... Você qué vê uma coisa bunita? Eu tô falando ansim, mode sei que ocê é novato aqui.

Chicão levantou-se e acompanhou o prêto. Não sabia do que se tratava, mas seguiria do mesmo modo.

— Enquanto a bóia num vem, é bão subí ali no arto da encosta.

Foram subindo. Dali se divisava todo o panorama branco das salinas, brilhando dentro da claridade do sol. Os moinhos que puxavam as águas para dentro dos cêrcos, rodavam preguiçosamente as pás ao vento. Girando para lá e para cá, numa caminhada vagarosa parecida com o sol.

Chegaram ao cimo da encosta. Dali, as salinas davam a impressão daquelas barracas de acampamento de soldados, que Chicão vira uma vez, em Natal. Eram barracas brancas de acampar.

O prêto pareceu compreender o que Chicão pensava, e imediatamente traduziu a sua impressão, muito mais real e macabra:

— Isso se parece cum um cimitêro grande, num parece?

— É, sim.

— Agora, óie para lá!

E indicou o dedo para o horizonte:

— Tá vêno uma salina, cum umas casa de tellhado vermêio e uns coqueiro?

Chicão acompanhava com a vista o que o dedo do outro lhe indicava.

— Mas tá tudo de cabeça pra baixo!

— Tá e num tá. Aquela água que reflete tudo num é água, não. Nem tamén aquelas casa é casa. Aquilo é "mirage".

— Mirage? que é isso?

— Uai! É isso que ocê tá vêno. Uma coisa que num existe. Aquêlo ar que treme na vista da gente é que fâis aquilo. Fâis nascê a casa e os coqueiro. Bunito, não?

— Mirage! Como é bunito mesmo! Mais ali num tem água, não.

— Não. Ali é terreno que tão perparando pra fazê cêrco. Eu, de uma feita, andei demais pra vê se aquilo num tinha água. E nem incontrei, nem água, nem casa nem coqueiro. Fui batê nas marge do rio Assú.

— É o que dá vontade da gente fazê.

— Pois todos os dia, passando das onze hora, a mirage aparece.

— É sempre ansim daquele jeito?

— Não. Às vêis muda tudo. Aparece barco intê.

— Ninguém sabe purqué isso acontece?

— Deve tê arguem. Deve de tê argum dotô entendido que sabe. Eu nunca sube.

— Que buniteza!... Todo dia venho espiá as mirage.

— Eu tamém dizia isso no comêço. Mais despois a gente se acostuma. Nem liga pra coisa. Mesmo a gente fica às vêis tão cansado, tão desinsufrido, que nem tem corage de andá até aqui.

Fêz uma pausa.

— Você num sabe, rapaiz! Cada dia o sol se isquenta mais. Cada dia do tempo da safra, o sol vai se isquentando mais. Fica um inferno... Mas vamo vortá, que deve tá servindo a bóia.

Sentaram-se no rancho. A comida era servida e vinha de uma espécie de organização de cooperativa. Era descontada no ordenado como tôda a despesa feita no barracão.

Os homens se sentavam pelos cantos e apresentavam as suas vasilhas para recebê-las. Tudo era uma barrela fumegante. Barrela de arrôs, barrela de feijão, peixe frito e farinha.

As vasilhas, que se apoiavam sôbre as pernas, eram do mais variado formato. Os joelhos nodosos aparecendo sob as calças arregaçadas sustentavam desde as latas de goiabada até as cuias de "coité".

Os pés rachados ficavam se enchendo de areia e do barro do caminho. As conversas eram as mais comuns e desinteressantes.

Chicão acabava de engulir a "manjuba", quando alguém passou na sua frente, capengando. Ouviu que comentavam qualquer coisa nova.

— Que é isso, Barbino? Tás cum "maxixe"?

— Nos dois dedo, tô sim.

— Pur que num vai inté a farmácia e num compra uma chupeta?

Não demorou muito para que Chicão conhecesse o significado daquilo. Maxixe! Lepra de sal! O sal corroía por entre os dedos e abria as fendas conhecidas, que de vez em quanto apareciam: os maxixes. Era a infecção num dos dedos. Se não se isolasse o dedo, a infecção continuaria deteriorando os outros. Aparecia um corrimento líquido e um pús se pegava na ferida. Aquilo ardia tremendamente, exalando um constante máu cheiro.

Chicão ficou pensando nos estragos que aquêle sal tão branco, tão inofensivo, causava nos corpos dos homens. Maxixe. O homem, rei da criação, apodrecendo de propósito. Apodrecendo como o xarque que se deteriora, quando nos xarqueadores se consuma o sal verde.

Xarque humano. Podridão. Lepra de sal. Maxixe.

(Trecho extraído do livro intitulado *Barro Branco*, ed. Instituto Progresso Editorial S. A., São Paulo, 1948 — págs. 196 a 207).